

[Falatório]

Algumas cidades têm a sorte de uma geografia
que favorece o aproveitamento
das águas, mares, lagos e rios,
como uma solução natural para o transporte público.
E normalmente dá tudo certo,
porque as águas sempre foram os caminhos naturais da terra!

[Pedro Vicente] No Brasil, nem sempre as coisas fluem tão bem
quando se fala em transporte aquaviário!
Mas sempre resta uma esperança!
Porque como disse o poeta:
"Navegar é preciso, viver não é preciso".

§

§

§

[Ronco dos motores]

[Mulher] Bora! Barcarena, Caripi, Conde,

Itupanema, Sirituba, Vila dos Cabanos!

Você tem R\$ 2?

Bora! Barcarena! Barcarena saindo, hein!

Bora, Barcarena!

Vai sair Barcarena agora! 10 horas saindo, hein!

Só aqui que tem Barcarena!

Nós tamos indo pra Barcarena, e é o meu local de trabalho!

Então, todos os dias da semana eu pego esse barco

pra chegar na clínica onde eu trabalho!

[Mauro Cotta] § "Minha Amiga" §

§ Faço tudo pra te encontrar §

§ Meu amor você não está em nenhum lugar §

§ Preciso tanto de você §

Essa viagem eu faço há 14 anos!

Agora nessa lancha! Confortável!

Mas já foi no barco de madeira, muito ruim!

[Pedro Vicente] Como que era antes?

[Tatiana] Antigamente íamos num barquinho de madeira, e...

demorava às vezes até duas horas pra chegar lá!

Meus colegas médicos ainda têm muita...

muito... muita dificuldade pra fazer esse deslocamento,

eles têm muito preconceito! Eles preferem ficar na cidade,

ficar em Belém, ficar um pertinho do outro,

do que se deslocar pro interior.

Que é onde tem a maior carência de profissionais da saúde.

§

[Pedro Vicente] A maior frota de barcos de passageiros do mundo

está na cidade de Hong Kong, na China,

onde a arte da navegação urbana

é uma tradição milenar!

Outro exemplo emblemático

é Nova York, nos Estados Unidos,

que tem várias linhas de balsas urbanas

que cruzam o rio e o mar levando a população

entre os bairros e as cidades vizinhas.

Outra metrópole com hidrovias bem desenvolvidas

é Istambul, na Turquia, que tem 27 portos

e 15 linhas regulares de balsas
com 61 milhões de passageiros por ano!
Várias capitais europeias têm o transporte hidroviário
mais ou menos bem desenvolvido.
Não por acaso, são todas cidades
que se desenvolveram junto a grandes rios,
lagos ou braços de mar! Como é também o caso
dessa cidade, Belém do Pará!

§

Belém é uma metrópole
na boca da Floresta Amazônica,
situada à beira da baía do Guajará,
formada pelo encontro das águas dos rios Guamá e Acará.

E o município inclui um arquipélago de 44 ilhas,
sendo que 42 das delas são habitadas
por uma população que só tem uma opção
para se mover pela cidade. Ou é barco, ou é barco!

[Waldir] Muitas pessoas são de Barcarena,
estudam, vêm pra cá,
e muitas pessoas que moram aqui em Belém,
vão pra lá pra trabalhar.

[Nayra] Olha, às vezes eu leio, às vezes dou um cochilo!
Então, a gente vai intercalando!

Eu prefiro esse do que um trânsito!
Uma BR engarrafada, nossa, pra mim é terrível!
Esse aí a gente vem na natureza, o vento,
eu acho mais tranquilo!

[Gennyson] Nós, aqui a região Norte, na verdade,
os rios são na verdade...
a estrada da maioria dos ribeirinhos.

[Nielly] Eu me sinto um pouco insegura!
Na lancha, não no ônibus!
Por causa da maresia, tem muito vento.
E às vezes a maresia joga muito a lancha.
Pra mim, a lancha é um pouco mais insegura do que o ônibus!
Mas é muito mais confortável e muito mais rápido!
Antigamente, né, logo quando eu comecei a estudar,
a nossa viagem demorava, mais ou menos,
umas duas horas! Quando vinha por fora,
que é esse trajeto que a gente faz agora.
Os barcos eram de madeira, então, demorava mais!
Agora a gente já tem os expressos,
que às vezes demora 45 minutos!

[Pedro Vicente] Por estranho que pareça,
em função da geografia e da dinâmica dos moradores,
o transporte fluvial em Belém do Pará
não é parte significativa
do sistema de transporte urbano oficial!
É operado basicamente pela iniciativa privada.
Por cooperativas e pilotos autônomos,
em pequenas embarcações e terminais inadequados,
sem regulamentação, sem integração de tarifas
para complementar as viagens, ou qualquer outra facilidade!
O que leva uma cidade espalhada por um arquipélago fluvial
a não ter um sistema de transporte público
hidroviário oficial é um enigma a ser decifrado!
A coisa que... mais intriga é:

uma cidade como essa, composta por várias ilhas,
as ilhas habitadas, tem um rio maravilhoso.
Todos os rios navegáveis! Não só um rio, vários rios!
Como que essa cidade não tem
um sistema hidroviário bem desenvolvido...
Como que pode acontecer uma coisa dessas?
Pois é, é lamentável, né! Nós chegamos a propor
um sistema de transporte hidroviário metropolitano.
E que seria integrado ao sistema rodoviário urbano,
que está posto pra cidade,
dentro da proposta rodoviária deles.
Quer dizer, um sistema que foi um trabalho
a nível acadêmico! Correto!
Mas, assim, foi a primeira pesquisa,
a primeira vez que nós pesquisamos a fundo,
fomos nas ilhas principais, entrevistamos moradores,
levantamos a demanda. Por que, até então, não existia!
Sim, já tivemos experiências, todas frustradas,
de implantação de sistemas hidroviários!
Mas por que não emplaca?
Basicamente, por dois motivos!
Primeiro, as embarcações são sempre inadequadas, né!
Porque pra o transporte a nível metropolitano
primeiro, a gente tem que ter frequência! Tá?
Então, as tentativas que nós tivemos
de implementar o transporte hidroviário
a nível metropolitano, eram embarcações grandes,
embarcações de 300, 400 pessoas.
As embarcações já da região, embarcações de madeira,
quer dizer, embarcações lentas...
que não é apropriado pro transporte metropolitano,

e a questão dos terminais hidroviários.

Ou seja, os terminais, eles não são integrados com a malha rodoviária urbana.

Então, pro passageiro metropolitano, a integração é fundamental. É um aspecto fundamental!

A população das ilhas, né, que precisam vir pro continente, precisam vir pro centro, porque tem uma movimentação muito grande, correto?

Então, eles vêm estudar, vêm trabalhar, vêm vender as mercadorias, é muito comum!

Então, eles fazem isso, o transporte acontece de forma espontânea mesmo!

Eles vêm com suas embarcações, tem alguns barqueiros que exploram, mas, assim, tudo de forma desregulamentada, né!

O poder público não tem interferência nenhuma!

Tipo, se eu chegar aqui e comprar um barquinho, posso sair atendendo o pessoal?

Sim! É assim mesmo que acontece!

Porque, aí, é claro que tem aqueles lobys, né, que não deixa qualquer pessoa entrar no sistema, né!

Apesar de ser um sistema clandestino.

Então, essas pessoas vão, faz esse transporte das ilhas pro continente.

Já tem até uma determinada linha, digamos assim!

O trajeto já é pré-definido, os horários, a tarifa.

Mas funciona como um sistema de vans clandestino?

Sim, perfeito! É isso!

Uma coisa de fretes?

Fazendo a relação com rodoviária,

como se fosse um sistema de van clandestino!

[Ronco do motor]

[Tatiana] Precisava melhorar muito, porque não tem um porto.

Agora que tem o terminal hidroviário em Belém,
que é mais ali na frente!

Mas, assim, ainda precisa melhorar muito!

Porque às vezes atrasa muito os horários dos barcos.

Às vezes, eles saem antes! Se tiver lotado, sai antes.

Mas tem um controle muito bom
da capitania dos portos em cima da lotação.

Isso eles fazem uma fiscalização boa.

Porque tem muito acidente, né!

[Falatório ao longe]

[Patrícia] Temos duas ilhas que têm acesso rodoviário.

Que é Outeiro e Mosqueiro. Correto?

Essas duas têm o acesso hidroviário.

Olha, nós estamos aqui... né!

Aqui é o Ver-o-Peso. A gente tá por aqui!

Nossa proposta era vim aqui...

o sistema de cabotagem, tá entendendo?

Essa rodovia Arthur Bernades é muito carregada.

São as rodovias, assim,

os corredores mais carregados de Belém, né.

Essa Augusto Montenegro e aqui é Almirante Barroso.

Certo? Então, a configuração geográfica de Belém,

o centro de Belém é aqui!

Certo? Então, por que os nossos problemas são,

digamos assim, tão grandes de transporte?

Porque aqui é onde a gente tem a maior demanda,
e você vê, nós temos poucos corredores de acesso!

Aí, esse potencial aqui todo hidroviário,
praticamente a gente não explora!

[Tatiana] Aqui eu não pego engarrafamento,
não pego buzina, não tem...

estrada fechada, não tem nada disso!

Só vou olhando, contemplando a Floresta Amazônica!

O conforto faz a pessoa ficar mais perto de casa, né?

15 minutos da casa pessoa.

Eu não, eu tenho que me acordar uma hora antes.

Eu chego em casa uma hora depois.

Eu não almoço, às vezes.

Então, é uma questão de conforto pessoal.

Mas isso pra mim não...Eu já tô tão acostumada,

que no dia que não vou, eu sinto falta!

O meu pai era oncologista,

e as pacientes chegavam com câncer de colo de útero

muito avançado aqui em Belém!

E o sonho da vida dele sempre foi fazer prevenção...

de câncer de colo uterino!

E como ajudava muito ele lá, eu via essa dificuldade

das mulheres já chegarem aqui em estado muito avançado!

E eu peguei e fui fazer isso! É o que eu faço!

Faço prevenção do câncer de colo de útero no interior!

É a minha paixão!

[Risinho]

As barcas que fazem a travessia

entre Niterói e Rio de Janeiro

funcionam desde 1835.

E são o mais antigo e, portanto,
o primeiro meio de transporte de massas do Brasil!
Nesses mais de 180 anos de história,
muita água passou por debaixo da ponte.
Foram 24 milhões de pessoas transportadas em 2016!
E com certeza o visual é de primeira!

§

Meu nome é Ana Luiza Carboni. Sou ciclista urbana!
A ida pro Rio e a utilização da barca
sempre foi algo no meu cotidiano!
É, eu sou nascida aqui, e antes da ponte, né,
a gente usava a barçaça!
Não tinha outra forma de você chegar ao Rio!
Quer dizer... trajeto muito longo de carro, né.
Não valeria a pena!
Então, a barca sempre teve na minha vida, né.
Nesse sentido de transporte!

O número de ciclistas em Niterói tem crescido muito, né!
No último ano houve um crescimento de 67%.
Eu faço parte de um coletivo, o "Mobilidade Niterói",
que faz a contagem desses ciclistas.
E nós temos um dos maiores, a meu ver o maior percentual
de mulheres ciclistas no Brasil, que é de 17%,
que eu ainda acho muito pouco, mas que é muito.
Recentemente foi feita uma contagem de ciclistas
na Barra da Tijuca, no Rio, e foram 14% de mulheres.
Então Niterói ainda tá na frente.

Eu tenho uma lembrança muito peculiar, eu acho,
porque com 13 anos eu fugi da escola, no centro de Niterói,

e a gente veio de barca aqui pro Rio.
Eu lembro muito da travessia...
eu na varanda... e o sentimento que eu tive.
Porque o meu planejamento era ir pra casa da...
da minha prima, no Rio.
E eu chegando lá levei uma bronca, lógico,
e eu tive que voltar correndo pra Niterói,
também de barca, num outro sentimento,
apavorada de que eu ia levar uma grande bronca.

É uma paisagem diferente a cada dia.
Nunca é igual.
Você tem... do lado de cá você tem a ponte,
no outro lado você tem a abertura da baía,
a saída e a entrada da Baía de Guanabara.
Às vezes tem que andarmos devagar na barca,
porque tá passando um navio maior.
Quando você tá com pressa, reduz a velocidade: "Ai, Deus".
É porque tá passando um outro navio, né.
Quer dizer, a gente tem trânsito aqui também.
Mas eu acho fantástico, é uma alternativa fabulosa!
Eu não optaria por ir de ônibus
se não fosse por... uma necessidade extrema.

§

Eu cresci antes da ponte.
Então, não tinha a possibilidade da ponte.
A gente embarcava com carro numa barçaça.
Era muito diferente do que você tem hoje.
E a barca hoje carrega muita gente pro Rio.

Eu acho muito mais agradável.

E fico muito feliz em ter esse meio.

Apesar de não pensar nisso.

Nunca me coloquei numa posição de falar assim:

"Que legal ter a barca!".

Ela sempre teve presente na minha vida de alguma forma.

Eu sou de Niterói, sou nascida em Niterói...

mas tenho família no Rio,

a gente sempre passeou, ia pra Quinta da Boa Vista,

ia pro Aterro, pros parques do Aterro do Flamengo...

Sempre fiz passeios no Rio.

E a barca sempre foi o transporte preferido.

Agora eu vou pro Flamengo,

eu pego a orla, né...

eu pego a praia, mas não a orla, orla.

Não vou pelo Aterro, vou por dentro...

pela Glória e praia do Flamengo mesmo.

É um trajeto de... aproximadamente 5 km.

[Falatório]

Opa!

E aí?

E aí, beleza?

Tranquilo?

Você que é o "Ualdo"?

Waldo!

§ Música animada §

[Waldo] Essa cidadezinha aqui é a localidade de São Francisco,

isso tudo faz parte de Bacarena, mais pra lá...

you vai andando, tem a Vila dos Cabanos,

que é uma cidade construída pra quem veio trabalhar,

na área da distribuição de minérios, exportação...

§ Vamos lá, vamos lá! Ver a galera delirar §

§ Vamos lá, vamos lá! Ver a galera delirar §

§ É na batida do eletro nessa onda que eu vou §

§ Chegou velocidade pra galera do setor! §

E aí tem duas formas de ter acesso à capital, Belém,

que é via alça viária, que é atravessando pontes,

e essa travessia de barco,

que tem essa aqui que a gente vai fazer agora,

e tem a outra que é via Arapari,

que você ainda anda cerca de 30min de ônibus

até o porto do Arapari e de lá atravessa.

Aqui...

não tem... aliás, até tem faculdade, mas...

é insuficiente pra quantidade de pessoas que tem aqui.

E não tem os cursos que as pessoas precisam fazer.

A maioria das pessoas que viajam comigo

fazem curso de Engenharia de alguma coisa,

que é justamente pra trabalhar nessa área da hidro e tal.

No meu caso é diferente porque eu...

faço curso de Publicidade e Propaganda que é...

pros projetos que eu venho gerenciando há um tempo.

Você é da área criativa?

Isso, de comunicação e tal.

[Pedro Vicente] Bacana... sensacional!

Então aqui em Bacarena não tem faculdade, em Belém tem,

então o trânsito é intenso--

Intenso e é muita gente!

Então quando chega esse horário de 17h...
muita gente atravessa,
as pessoas que moram aqui atravessam por esse porto.
Quem mora mais distante pega o ônibus e faz o outro trajeto.
E quando chega... a volta tem um barco
que as pessoas já chamam de Barco dos Estudantes,
que é por um outro porto, ele sai às 23h...
E esse barco vêm cerca de 800 pessoas.
Às vezes saíam 2 barcos, a maioria estudantes--
É um barco desse tamanho, igual ao nosso?
Não, não, esse já é menor, lá são barcos maiores...
que saem, às vezes são 2 barcos grandes com 800 estudantes.
Desses estudantes alguns moram nessa área de Barcarena,
outros moram em Moju, outros em Abaetetuba.
Porque tudo é o mesmo...
esses municípios próximos a Belém
têm a mesma dificuldade em relação à faculdade.
Mas essa viagem eu sempre faço no fim de semana,
porque meus passes não valem.
E aí quando eu vou,
eu vou pra fazer algum trabalho com meus projetos de música.
E eu faço essa viagem aqui porque...
é mais rápido--
Vamos sentar aqui!
Aqui mesmo? Então tá!
[Pedro Vicente] Fala do seu trabalho de produtor musical, DJ.
Tem um movimento grande aqui em Belém?!
Tem um movimento bem grande, o meu trabalho é...
o meu estilo é eletromelody,
mas é mais uma vertente do tecnobrega,
assim como tecnomelody, brega pop, enfim.

[Pausadamente] E as músicas que eu produzo,
elas... tocam bastante
nas aparelhagens, nas festas.

[Pedro Vicente] É um contraste... porque estamos aqui,
num lugar que a natureza é tão forte,
você olha em volta tem essa floresta...
super... sei lá,
uma floresta pujante, assim,
e você tá falando de tecno!
Tecno é aparelhagem e tal, como é que é isso?
É tecnologia... olha, eu vou te falar assim,
na verdade, toda essa ambientação...
tudo que a gente tem ao redor aqui,
a mata... o rio...
tudo isso influencia,
tanto no nosso comportamento quanto na música.

[Pedro Vicente] É interessante como o rio,
ele é ao mesmo tempo um limite e um caminho.
Porque ele limita a terra,
mas ele também serve como uma forma de você--

[Waldo] Eu vou te falar uma coisa que eu sempre reparo e comento,
muitas das vezes a gente vê reportagens
mostrando duas realidades.

A realidade de quem mora no centro de uma metrópole,
e a realidade de quem mora em um povoado pequeno,
e a forma com que os repórteres
mostram... essa realidade do povoado pequeno
é uma forma muito miserável e na verdade não é!

[Pedro Vicente] Porra, com certeza não!
Não é isso, porque as pessoas que moram no povoado pequeno,

elas estão acostumadas com a coisa da tradição e tudo,
elas são felizes ali onde elas estão.
Elas têm comida todos os dias, têm o peixe que eles comem...
eles têm as frutas que consomem da mata, eles têm a caça--
Tem essa natureza...
Tem a natureza!
Então, muitas das vezes, tem reportagens
que eu fico até revoltado,
que dá essa imagética.
E aí, as famílias ribeirinhas, principalmente quando assistem,
acham que a metrópole...
a metrópole é uma maravilha!
Que se eu viajar pra uma metrópole,
sair da minha localidade pra ir lá pra São Paulo,
eu vou ser feliz, eu vou crescer na vida.
E às vezes não é!
[Tatiana] As pessoas aqui do Norte são esquecidas.
Aqui no Norte a gente é meio jogado fora.
O resto do Brasil esquece que tem gente pra cima, parece.
Eu fui pra dar uma palestra em Bacarena, lá na Hydro,
e quando eu cheguei lá que eu vi aquela fábrica enorme,
que eles tratam bauxita, fazem bauxita pra fazer alumínio.
E a poluição é incrível.
As folhas do mato...
das matas em volta é tudo vermelho.
Eu penso que falta muito
pra melhorar o controle da poluição do ambiente.
Porque essas empresas de Barcarena,
teoricamente, deixariam muito dinheiro de impostos.
Mas é tudo isento!
Então... o povo fica com quase nada,

porque os grandes salários são de pessoas que vêm de fora.
Então o povo paraense é o que menos lucra com essas empresas.

Aqui a gente vai...

Às vezes eu vou a pé ou de táxi, dependendo da hora,
se eu tiver muito atrasada pra chegar lá na unidade de saúde.

[Homem no alto-falante] Ingresso é R\$23,30.

Cerveja 3 por 10 a festa toda!

Alô galera, se prepare, é neste sábado!

Sabadão dia 11 tem o festão dos romeiros!

Círio de Barcarena...

é na sede do...

[Tatiana] Cheguei aqui eu senti não só a dificuldade do transporte,
porque não tem ônibus.

Agora é que tem mototáxi,

mas o transporte era bem mais deficiente, hoje tá bem melhor!

§

Ah, aqui é paz! É muita paz mesmo!

E sempre dá vontade de parar e olhar pra ele,
ele transmite essa sensação.

Quando a maré tá cheia é a coisa mais linda!

A maré tá baixa agora.

Mas daqui a pouco, quando ela encher, nossa...

dá vontade de se jogar no rio e tomar banho, olha que lindo!

[Ronco do motor]

Não é todo mundo que tem a felicidade de...

no caminho do trabalho ter esse visual.

Às vezes a gente sofre no transporte,
fica estressado com buzina, não sei o quê.

Eu não tenho isso!

Eu não tenho engarrafamento...

Não tenho nada disso, eu chego no meu trabalho tranquila.

E volto pra casa tranquila.

Quando chega lá em Belém aí estressa.

[Waldo] Essa é o porto, é o Ver-o-Peso.

É o porto do Ver-o-Peso,
onde os barcos pesqueiros chegam...

pra...

pra carregar os caminhões,
que abastecem supermercados e tudo mais.

Aqui também é um porto...

Aqui é o Ver-o-Peso já bastante modificado.

[Rindo] Essa é a viagem!

[Pedro Vicente] Essa é a viagem que você faz pra vir pra escola!

Pra faculdade...

Pro trampo, tudo!

[Waldo] Pro trampo... tudo!

Às vezes pra passeio.

[Pedro Vicente] Olha, é uma viagem que te deixa de bom humor,
se você tiver meio...

[Waldo rindo] Muitas vezes é que... a gente quer...

vir pra uma peça teatral, essas coisas...

e a viagem é a mesma, entendeu?

Às vezes por outro trajeto,

às vezes mesmo que no carro, mas...

a tranquilidade é a mesma, a natureza é a mesma...

o ar... é esse!

§ Música animada §

§

§

§ Vamos lá, vamos lá! Ver a galera delirar §

§ Vamos lá, vamos lá! Ver a galera delirar §

§ É na batida do eletro nessa onda que eu vou §

§ Chegou velocidade pra galera do setor! §

§ Essa onda desguiada sacode a cidade §

§ Te prepara, meu amor, que vai rolar velocidade! §

§ Essa onda desguiada sacode a cidade §

§ Te prepara, meu amor, vai rolar velocidade! §

[Waldo] Salve, salve, moçada! Aqui é Gang do Eletro!